anxa
91-B
2365

Nº 49 de Cably

PELO SUL

DE

PORTUGAL

(BAIXO-ALENTEJO E ALGARVE)

PELO

D.OR J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnologico Português

Imprensa Nacional de Lisboa

1918

PELO SUL

DE

PORTUGAL

(BAIXO-ALENTEJO E ALGARVE)

PELO

D.OR J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Universidade de Lisboa
Director do Museu Etnologico Português

Imprensa Nacional de Lisboa

1918

Digitized by the Internet Archive
in 2015

https://archive.org/details/pelosuldeportuga00vasc

PELO SUL DE PORTUGAL

Baixo-Alentejo e Algarve

Tendo ido a Faro presidir a exames no Liceu, aproveitei a ocasião, e fiz uma excursão não só por grande parte do Algarve, mas pelo distrito de Beja, com o fim de colher objectos para o Museu Etnologico e de tomar notas para os meus estudos. Aqui vou relatar mui sumariamente a excursão, apenas porém no que pertence ao Museu, porque o que pertence aos restantes campos dos meus estudos será encorporado noutros trabalhos.

Foi comigo, e acompanhou-me durante algum tempo, o S.or Saavedra Machado, Desenhador do Museu, o qual executou muitos desenhos de cousas arqueologicas e etnograficas. Ele os fez para todas as gravuras que adiante se publicam, excepto para a gravura n.º 62, que é tirada de uma fotografia.

Partimos de Lisboa no dia 29 de Julho de 1917 em direcção a Beja, cujo Museu visitámos. Em 30 á noite dirigimo-nos a Faro, aonde chegámos em 31 de Julho pela manhã. Estivemos em Faro até 13 de Agosto, e ora ambos, ora eu sòzinho, visitámos o Museu da capital do Algarve, e várias povoações vizinhas (Olhão, Alportel, etc.). Naquele dia de manhã retirámo-nos para Albufeira; aí nos demorámos até 15 de Agosto, em que nos separámos: o S.or Saavedra voltou para Lisboa, e eu continuei a excursão, indo a Silves duas vezes, a Portimão outras duas, a Monchique, ao Algoz, e á Vidigueira. Regressei a Lisboa em 11 de Setembro.

Podia dividir o meu trabalho em tres capitulos: visitas de museus publicos e particulares; noticias arqueologicas colhidas em passeios; aquisições para o Museu Etnologico; mas prefiro conglobar tudo, seguindo a ordem cronologica, á maneira do que já fiz noutros artigos semelhantes a este.

29 a 30 de Julho de 1917: Beja e arredores.—A cidade de Beja era muito minha conhecida, e por isso não fiz mais do que rever por alto o que por vezes havia visto com algum vagar: Museu Municipal, Castelo, etc.

Do Museu lêem-se noticias n-*O Arch. Port.*, por exemplo, em I, 161; V, 354; VII, 243; VIII, 163–165. Para a colecção de desenhos etnograficos do Museu Etnologico desenhou ali o S.or Saavedra duas figuras ou manequins que representam tipos antigos: mulher de ca-

pote & lenço: e mulher de biôco, com rosario e livro de orações, como pessoa que ia para a igreja. Aqui *biôco* significa o mesmo que

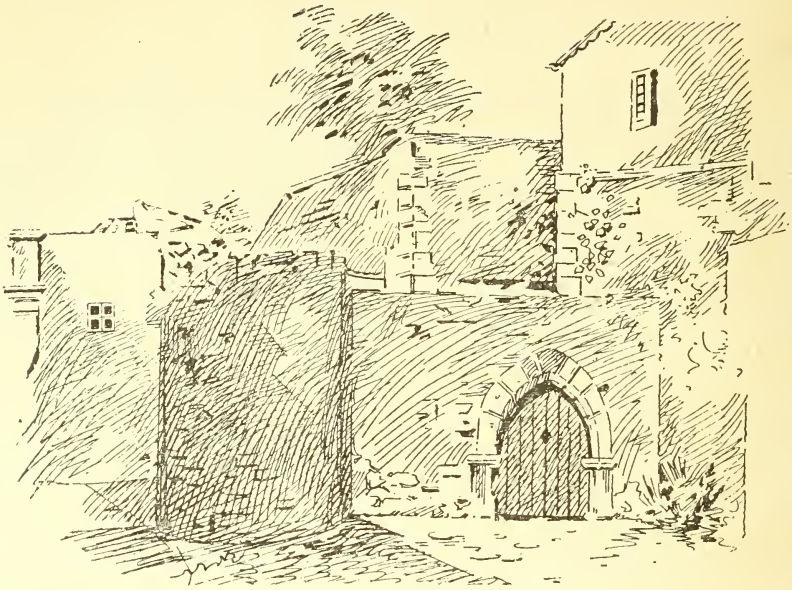

Fig. 1 — Trecho do castelo de Beja

a «mantilha» de outras terras alentejanas, e não o mesmo que o «biôco» algarvio. O biôco de Beja usava-se ainda em 1866, pelo menos. Desenhou mais o S.cr Saavedra no Museu de Beja o seguinte: uma pedra sepulcral, de cabeceira, em que se vê gravado um sino-saimão; uma espera ou «esfera» que figurava d'antes nas festas do S. João (cf. *Revue Hispanique,* t. IV, pp. 213–214); um cajado pastoril com lavores.—Pela minha parte tomei no Museu e na adjunta Biblioteca municipal algumas notas acerca de Felix Caetano, que saíram n-*O Arch.,* XXII, 184.

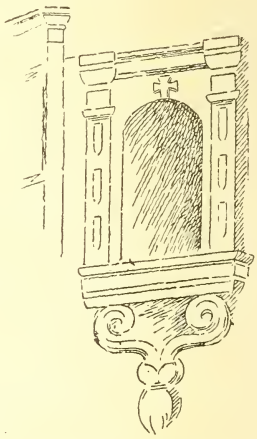

Fig. 2 — Nicho da Rua de Aljustrel, em Beja

Na fig. 1 dá-se um trecho do castelo de Beja. Foi nesse castelo que Herculano fez passar a acção do seu conto *A morte do Lidador*. A torre de menagem é obra de D. Denis, «com suas coroas de ameias e matacães, que formam varanda apoiadas em grossos cachorros»[1],—e por tanto

[1] G. Pereira na *Arte e Natureza em Portugal,* t. VIII (Beja).

posterior á epoca da acção do conto.—Disseram-me que ha muito estão projectadas, no castelo, e já começadas, certas obras; como as interroperam, o tempo tem estragado alguns dos materiais. Coisas nossas!—Na fig. 2 temos o desenho de um nicho da Rua do Aljustrel. Em todas as nossas povoações ha d'estes nichos, que atestam crenças religiosas, pois a cada um corresponde uma imagem sagrada. Aos respectivos nichos pagãos, de que os atuais provém, chamavam os Romanos *aediculae*.

O S.or Francisco Pedro Galinoti, ourives, mostrou-me uma colecção numismatica que possue e que consta de moedas portuguesas, arabicas, etc.; com as moedas guarda uma fôrma de pedra, de fazer

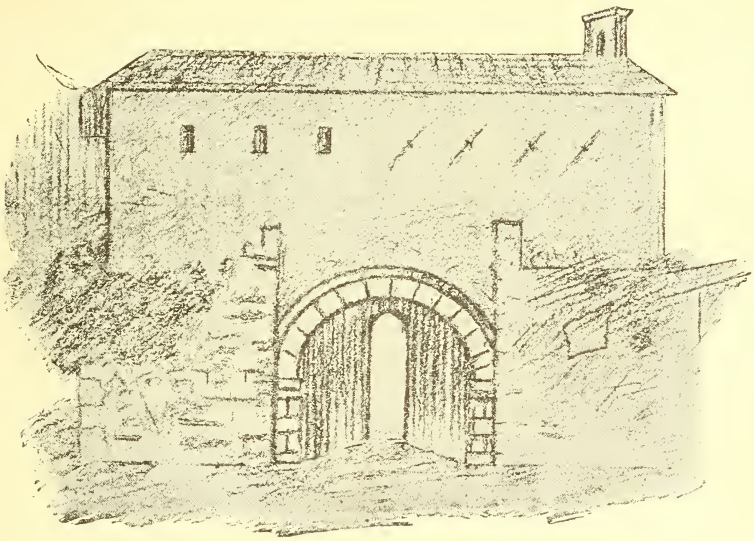

Fig. 3 — Porta romana de *Pax Iulia*

moedas arabicas, a qual, embora achada em Beja, nada tem porém com a cidade. O S.or Galinoti é de origem hespanhola, mas vive cá ha longos anos, e quer muito a Beja, para cuja historia colige notícias; teve ele a bondade de me oferecer algumas moedas, que eu trouxe para o Museu Etnologico, aonde eu bem quereria tambem que entrasse a fôrma monetaria de que falei acima! Aos materiais coligidos pelo S.or Galinoti para a historia de Beja pertence o desenho copiado por Saavedra na fig. 3, o qual representa uma porta romana de *Pax Iulia,* conhecida em tempos modernos pelo nome de «Porta de Avis», e agora desaparecida.

Demos um passeio pelos arredores de Beja em companhia do estimavel jornalista o S.or Marcos Bentes; fomos ao local chamado

As Caeiras, e á quinta da *Carôcha*, que pertence ao mesmo S.or Nas Caeiras haviam aparecido, por ocasião de trabalhos rurais, duas moedas romanas de cobre, uma colonial (de *Emerita*, tipo da porta de cidade) e outra imperial, mal conservada; quem possuia estas moedas tinha juntamente dois objectos de bronze, encontrados do mesmo modo: uma garra, como de trempe, certamente romana (fig. 4), e uma aguia, que julgo moderna[1]. Não admira que com objectos de uma epoca coexistam num campo outros de epoca muito afastada, poisque tais objectos provêm de entulhos e estrumes removidos de variadas partes. Por intermedio do S.or Bentes adquiri estes quatro objectos para o Museu Etnologico. A favor da atribuição romana da garra são não só as moedas, mas o haver á entrada das Caeiras, junto da estrada, vestigios numerosos de um cemiterio arcaico, á superficie do qual vi pedaços de tegulas. De modo que as moedas e a garra serão das Caeiras, a aguia será de outro local, ou d'este, mas de outra epoca.

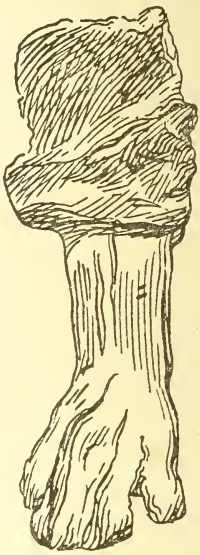

Fig. 4
Garra de bronze, dos arredores de Beja

Os arredores de Beja abundam de velharias, visto que a cidade corresponde á *Pax Iulia* dos antigos. Alem das Caeiras, onde estive, ouvi falar de um lugarejo chamado *Beja a Pequena*, onde aparecem pias, frisos, etc. de epocas remotas, e onde, ao que me informaram, ha um tanque forrado de formigão (*opus Signinum*), «com escadas para se descer para lá»; acrescenta o povo que foi ali a Beja primitiva.

Na quinta da Carôcha observei alguns costumes populares, e adquiri objectos de Etnografia artistica para o Museu Etnologico; Saavedra executou desenhos.

Outros objectos que obtive, provenientes da cidade e dos arredores: um retrato (tela), um tanto deteriorado, de Cenaculo, 1.º Bispo de Beja; medidas portuguesas antigas; capiteis artisticos de pedra; azulejos; loiça de várias epocas; um baú antigo; um pedaço de inscrição romana; etc.

Á tarde partimos, como já disse, para Faro.

---

[1] Digo que a garra será romana, porque se assemelha ás de um *tripus* do Museu Etnologico, aparecido numa estação lusitano-romana. Digo que a aguia me parece moderna, porque tem um orificio destinado a receber um parafuso, e não conheço parafusos na arqueologia romana.

31 de Julho a 12 de Agosto: Cidade de Faro; excursões.— Houve em Faro um coleccionador de moedas antigas, chamado Justino Cúmano, que foi muito amigo de Teixeira de Aragão, como consta de dezenas de cartas d'aquele para êste, as quais se guardam no Museu Etnologico, para onde as adquiri do espolio do falecido Mestre da Numismatica portuguesa. Cúmano faleceu ha muito, mas o seu numofilacio existe ainda em poder dos herdeiros. Como eu desejasse vê-lo, por causa de uma moeda de *Baesuris,* que sabia estava nele, facilitou-me isso o D.or Justino Bivar Weinholz, neto de Cúmano, e tambem dado a estudos arqueologicos. Infelizmente não pude ver a moeda de *Baesuris,* porque, de guardada, não apareceu; vi porém outras riquezas numismaticas e curiosidades, e entre as últimas uma colecção de treze tesseras de chumbo do tipo das que publiquei n-*O Arch.,* vi, est. iii, pp. 19–21. Aqui reproduzo tres, segundo desenhos de Saavedra, de tamanho natural:

Fig. 5: no anverso um golfinho que nada para a esquerda do observador; no reverso OSO, abreviatura de *Osonoba* = *Ossonoba.*

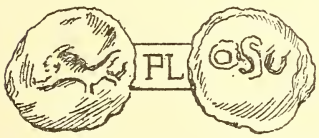

Fig. 5 — Tessera plumbea de *Ossonoba*

Fig. 6: no anverso um peixe que nada para a esquerda, e no campo, em cima, meia-lua; no reverso um barco de remos.

Fig. 7: o anverso está completamente liso; no reverso um peixe que nada para a direita, e tem por baixo OSO (esta face da tessera tem restos de um circuito granulado).

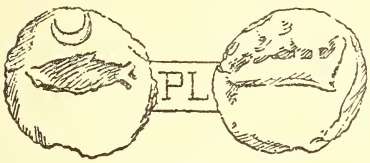

Fig. 6

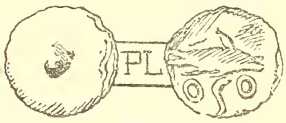

Fig. 7

Tesseras plumbeas de *Ossonoba*

Numa das tesseras do tipo da fig. 7 as letras estão dispostas assim: $\overset{O}{O}S$.

*

O Museu de Faro foi inaugurado pela Camara Municipal em 4 de Março de 1894, com o titulo de *Museu Arqueologico Lapidar Infante D. Henrique*[1], mas o seu fundador foi Monsenhor Pereira

[1] Isto é: *do Infante,* etc.

Bôto, Conego da Sé episcopal, como ele proprio declara no *Glossario critico do Museu,* Faro 1889, p. VII. De Monsenhor Bôto, hoje falecido, se lembra o *Archeologo Português,* no volume XII, p. 365 (artigo de Alves Pereira), onde se assinalam com verdade e justiça os meritos de tão prestante cidadão.

Este Museu esteve primeiramente no Largo da Sé, onde Monsenhor Bôto o dispusera e lhe dera ordem metodica: aí o vi várias vezes. Mas na ocasião da implantação da Republica houve necessidade de salas para acomodação das repartições então criadas, e como geralmente a politica tem mais fôrça que a sciencia, o Museu foi desarrumado e desalojado, e sofreu bastante,—até que mãos caridosas procuraram recompôr o que se havia danificado: e ele póde hoje ser visitado na igreja de S. Antonio dos Capuchos. É seu Conservador actual o S.or D.or Justino Bivar Weinholtz, de quem já acima falei, môço inteligente e bemquisto, que muitos bons servirços será capaz de prestar á Arqueologia da sua provincia. Coadjuvam-no outros cavalheiros ilustrados, e de influencia na cidade, tais como o S.or Sebastião Costa, Professor do Liceu, D.or Joaquim Rodrigues Davim, Advogado, e Ramalho Ortigão, Oficial da Armada, com todos os quais tambem tratei.

O Museu de Faro consta de antiguidades prè- e protohistoricas, romanas, visigoticas, arabicas e portuguesas. A mór parte d'elas provêm do Algarve; outras provêm da Extremadura.

Aqui publíco desenhos de algumas, o que faço com autorização do S.or Conservador do Museu. Acompanha-los-hei de breves noticias.

Disponho o meu assunto geografica e cronologicamente.

a) Objectos algarvios:

Na fig. 8 temos um objecto de grés, de $0^m,215$ de comprimento no seu estado actual, pois está falho em uma das pontas (o comprimento total seria de $0^m,23$), e de $0^m,02$ de largura maxima: apresenta um orificio biconico em cada um dos extremos. A ponta que resta

Fig. 8 — Braçal prehistorico do museu de Faro

intacta é bifida, e a outra deve-lo-hia tambem ser. Este objecto, de que não se sabe a precedencia, mas que talvez aparecesse no Algarve, pertence á classe de que falei no meu livro *De Campolide a Melrose,* pp. 63, 90, 143 e 149, e que aí considerei braçais prehistoricos.

Os objectos representados nas figs. 9 a 11 pertencem á necropole da Campina, da idade do cobre, a qual foi estudada por Santos Rocha na *Rev. de Sc. Nat. e Soc.*, vol. IV[1]. Cf.: *O Arch. Port.*, II, 60; e Boto, *Glossario critico*, p. 27. Aqui os especifico:

Na fig. 9 temos outro *braçal*, porém menor que o da fig. 8, pois mede de comprimento apenas $0^m,07$. A este objecto chamava Santos Rocha, e com ele Bôto, «placa de schisto».

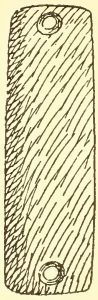

Fig. 9
Braçal
de lousa
da Campina

Nas figs. 10 e 11 temos respectivamente uma folha de punhal de cobre e uma adaga da mesma substancia: são os mesmos instrumentos de que fala Santos Rocha nas *Mem. sobre a antiguidade*, fig. 125, só ele chama *lança* ao que chamo aqui *punhal*. Desenhos de objectos semelhantes a estes se vêem em Estacio da Veiga, *Antiguid. mon. do Algarve*, t. IV, est. 13.ª, n.º 5, e est. 10.ª, n.º 14 (Rocha assinala as diferenças que existem entre a adaga da Campina e a que figura em Estacio).

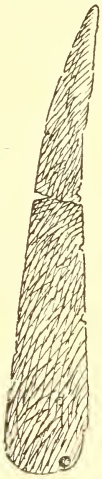

Fig. 10
Punhal
de cobre
da Campina

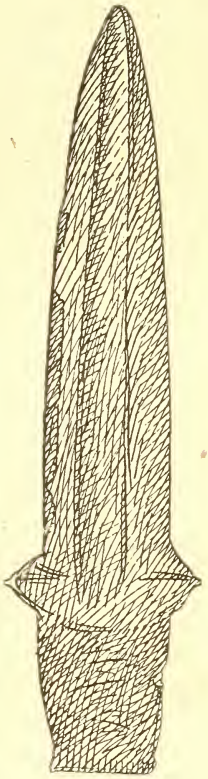

Fig. 11 — Adaga
de cobre da Campina

Vindos da Campina ha tambem no Museu de Faro dois vasos de barro, de fórma de tigela, muito grosseiros, de pasta granulosa, e feitos á mão, como os mais rudes das antas. Ambos eles estão em pedaços. Reconstituindo as peças, vê-se que um dos vasos mede de diametro na bôca $0^m,17$, e de altura uns $0^m,095$; o outro tem de diametro na bôca uns $0^m,06$. Estes vasos pertencem tipologicamente a uma fase muito antiga da Arqueologia algarvia.

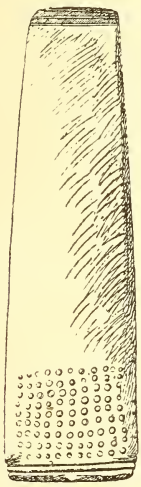

Fig. 12
Idolo (?)

Represento na fig. 12 um singular objecto de pedra, de uns

[1] Artigo reproduzido nas *Mem. sobre a antiguid.* do mesmo autor, Figueira 1897, p. 111 sgs.

$0^{m},222$ de comprimento, achatado nas duas faces principais, com sulcos nas extremidades, e várias series de covinhas em parte de uma das faces, do lado da extremidade mais larga. Lembra certos idolos calcareos de secção semi-circular, da idade calcolita.

Da epoca do ferro possue o Museu, por exemplo, uma xorca de bronze, e contas de vidro e de massa, provenientes de um espolio de Lagoa, e dois espetos tambem de bronze. D'isto falarei noutro artigo.

A parte rica do Museu, no que toca á antiguidade, é a secção lapidar romana, onde ha pedras muito importantes, como as que se referem a *Ossonoba*[1], ao *certamen barcarum* de *Balsa*[2], e a um *v(ir)*

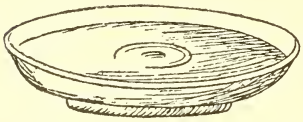

Fig. 13 — Patera arretina do monte das Antas

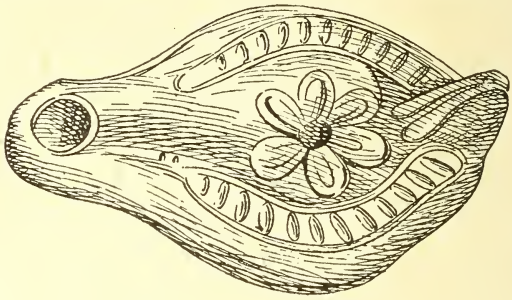

Fig. 14 — Lucerna cristã de Cacela

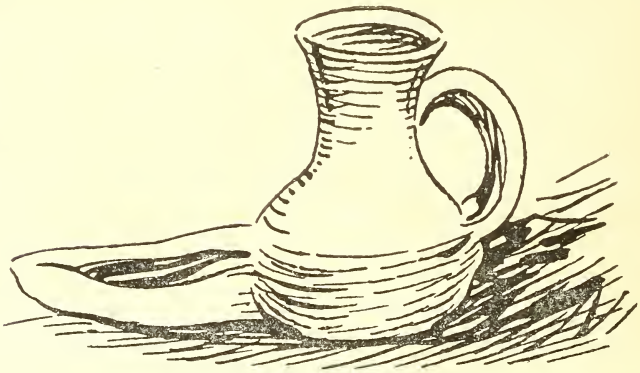

Fig. 15 — Lucerna arabica de Silves

p(erfectissimus) provinc(iae) Lusitaniae. A par com as lapides, ha loiça, por exemplo, uma *patera* arretina[3], que represento na fig. 13, há moedas, etc.

Da epoca visigotica, ou cristã, dou na fig. 14 uma lucerna de Cacela ($^{2}/_{3}$ do tamanho natural), e da epoca arabica outra lucerna, na fig. 15, de Silves. A epoca arabica está representada no Museu

---

[1] *O Arch. Port.*, v, 43.

[2] *Religiões*, III, 308.

[3] Da Quinta das Antas, séde de *Bolsa*. Cf. Bôto, *Glossario*, p. 32.

tambem por outros espécimes ceramicos, por algumas poucas moedas, e por lapides.

A tempos posteriores (epoca portuguesa) pertencem quadros, azu-

Fig. 16 — Alminhas

lejos, esculturas ornamentais, inscrições lapidares, brasões, moedas. São curiosos os dois paineis de *alminhas* que se vêem nas figs. 16 (azulejo) e 17 (pedra), em cada um dos quais uma pessoa entre as chamas do Purgatorio implora de mãos postas a misericordia divina.

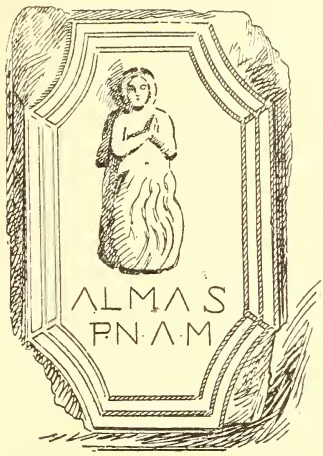

Fig. 17 — Alminhas

b) Objectos extremenhos:

Pertencem a duas localidades: ao «Castelo» de Pragança, e á Lapa da Canada (Alviela).

Os objectos de Pragança colheu-os o Conego Bôto numa ocasião que aí foi de visita, e em que mandou fazer por curiosidade algumas excavações. São eles: dois pesos de barro, quadrangulares (de tear); um escopro pequeno, duas argolas, a parte superior de uma campainha, um objecto quo parece a parte superior de um chocalho, um fragmento

de lamina de punhal, e um objecto semi-lunar, que não sei o que é,—tudo isto de cobre ou bronze.

Os objectos da Lapa da Canada (fontes do Alviela), que o Conego Bôto diz serem de cobre[1], são os seguintes:

A parte inferior de um machado chato, a qual mede $0^m,055$ junto do gume (fig. 18);

um escopro de $0^m,102$ de comprimento (fig. 19), e dois fragmentos de outros (figs. 20 e 21);

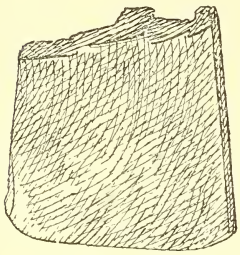

Fig. 18 — Resto de um machado de cobre

Fig. 20 — Fragmento de escopro

Fig. 21 — Fragmento de escopro

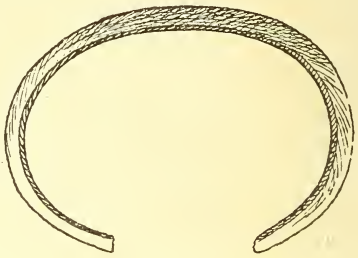

Fig. 23 — Bracelete

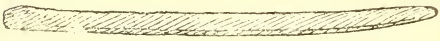

Fig. 19 — Escopro de bronze

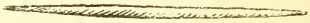

Fig. 22 — Haste de sovela

um objecto que Bôto chama «perfurador», mas que pode ser uma haste de sovela, — de $0^m,07$ de comprimento (fig. 22);

um bracelete aberto, de secção sub-quadrangular (fig. 23, $^2/_3$ do tamanho natural);

Fig. 24 Fundo da bainha de um punhal

o fundo da bainha de um punhal (fig. 24, tamanho natural).

Todos estes objectos da Lapa da Canada tem paralelos em outros que existem no Museu Etnologico, provenientes tambem de localidades da Estremadura.

De outros objectos do Museu de Faro falei já n-*O Archeologo*, VIII, 170–172.

*

O monumento mais antigo que existe actualmente em Faro (não falando, já se vê, dos que estão no Museu), creio ser um arco de caracter arabico[2], o qual arco está encaixado numa parede do «Arco da Vila», á direita de quem entra. Foi o S.or Bernardino Bar-

---

[1] *Glossario*, p. 26.

[2] Cf. a porta lateral da mesquita de Córdova, em Lampérez y Romea, *Arquitectura Cristiana Española*, I, 175.

bosa, Professor do Liceu de Faro, e muito sabedor de historia artistica, quem primeiro me falou d'ele: pertence-lhe pois a primasia da noticia. Vid. fig. 25. Ha entre nós tão poucas reliquias da epóca arabica, que convem conservar *in situ*, e com todo o cuidado, este monumento, apesar da sua modestia. — Posso comparar-lhe outros arcos, tambem de tipo de ferradura, que se vêem em sêlos santarenos do de sec. XIII, descritos e publicados pelo S.or Pedro de Azevedo n-*O Arch.*, III, 176, e est. I–II: aqui reproduzo um dos selos na fig. 26.

*

De Faro dei com o S.or Saavedra um passeio a Olhão, por convite do S.or Branco e Brito, oficial da Armada, e Professor do

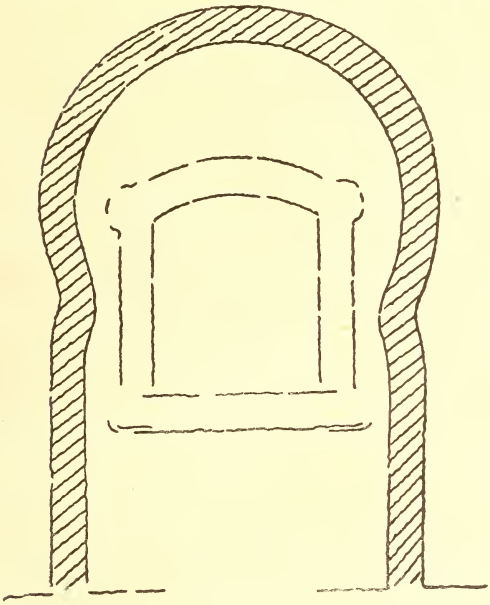

Fig .25 — Porta arabica de Faro

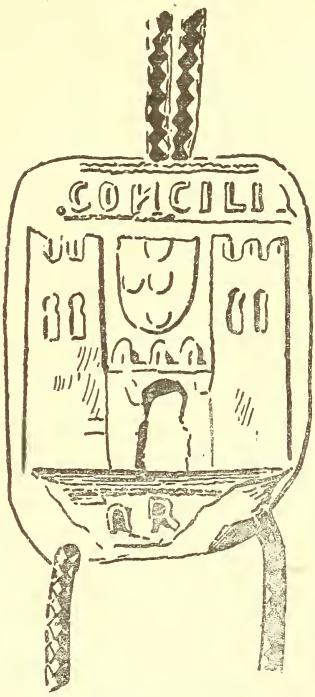

Fig. 26 — Sêlo santareno do séc. XII

Liceu. Tambem nos acompanhou o S.or Conceição Vilamariz, Professor e Reitor do mesmo estabelecimento scientifico. O passeio foi por mar, no rebocador *Carregado*. Passámos ao longo dos areais, cujo conjunto constitue o Cabo de Santa Maria, e mais uma vez me confirmei na opinião de que esse chamado «Cabo» não póde corresponder ao *Cuneus* dos antigos: leia-se o que escrevi nas *Religiões da Lusitania*, II, 12–14.

Muitas das casas de Olhão têm terraços, ou *çoteias* (*açoteias*), em vez de telhados, sistema arquitectonico que provém dos Arabes. Outro antigo caracter da vila está no uso do *biôco,* especie de envoltorio da cabeça, que as mulheres fazem com o capote, com o chaile, ou com um lenço preto e grande: este uso foi abolido oficialmente em 6 de Setembro de 1892 pelo Governador Civil D.or Julio Lourenço Pinto, e por isso tem hoje já pouca voga[1]. Olhão é vila importante, mas as ruas interiores carecem de asseio: de modo que quem as vê, quem vê as çoteias, e as mulheres com a cara oculta por biôcos, cuida de repente estar em terra de Arabes!

Em Olhão tivemos a boa companhia do D.or Fernandes Lopes, que ao mesmo tempo me obteve, e ficou de enviar, para o Museu Etnologico uma pistola de pederneira, e uma antiga fechadura de ferrolho, de porta, oferecidas por um amigo d'ele, chamado José de Sousa Azinheira[2].

*

Á amabilidade de outro Professor do Liceu de Faro, o S.or D.or Antonio Barbosa, devi o poder passar um dia com ele na aldeia de Alportel. Partimos de Faro, de manhã, num carro. Era Domingo, e encontrámos no nosso percurso muita gente. Ao contrário do que acontece no Norte e Centro do pais, os meridionais[3] raro fazem a pé uma jornada, ainda que curta. Por isso atravessámos numerosos grupos de homens, mulheres e rapazes, que ora montavam cavalos propriamente ditos, ora burros. Só num sitio observei assim um grupo de dez pessoas. Com os cavaleiros concorria tambem muita gente em carros. Um hábito curioso notei, e que já tinha notado em

---

[1] Vid. o *Regulamento Policial* do distrito de Faro, 1892, art. 32–34. A par com a palavra *biôco* usa-se *rebuço,* porém esta palavra é mais de Monchique e aplica-se ao envoltorio feito com o cabeção do capote. Esta distinção custou-me a achá-la; foi-me preciso interrogar muitas pessoas, de diversas localidades da provincia. Tanto o rebuço como o biôco formam adiante um bico, através do qual o rosto da mulher mal se descortina. Em algumas terras ouvi dizer *biuco,* por exemplo no Algôs. Pena foi que D.or Lourenço Pinto abolisse tão curioso modo de trajar! Que inconvenientes trazem á sociedade certas tradições como esta? Não é de tradições que se constitue a alma dos povos?

[2] Todavia estes objectos ainda até hoje não chegaram ao Museu.

[3] Nos meus estudos etnograficos e lingüisticos chamo *Centro* á Beira (isto é, Beira Alta, Beira Baixa e Beira Ocidental); chamo *Norte* ás duas provincias do Norte do Douro; e *Sul* ás tres restantes provincias.

Castelo-Branco: os populares fazem aqui muito uso de guarda-sois. Quem vai a cavalo ou em carro, leva freqüentemente um guarda-sol abèrto.

Apesar do ardor do sol, e do pó que se erguia da estrada, olhava-se com satisfação para os arredores d'esta, onde se mostravam, conforme os terrenos, alfarrobeiras pujantes (arvore tão algarvia!), campos de milho, hortas com seus tanques circulares ou rectangulares. As casas que d'onde em onde nos surgiam á beira do caminho eram vivamente caiadas. Uma parreira ensombrava por vezes a entrada. Noutras casas havia de cada lado da porta argolas de pedra, fixas na parede, á maneira de asas de vasilha, destinadas a prenderem os animais. Como em Olhão, e até em Faro acontecia, não faltavam por aqui casas de açoteia: uma açoteia vi bem notavel, com entrada para carro, por ficar ao pé uma elevação de terreno em que fizeram uma rampa. Esta açoteia serve para nela se secarem figos, que depois se tiram de lá em carros. Os figos constituem, como é sabido, boa fonte de riqueza do Algarve.

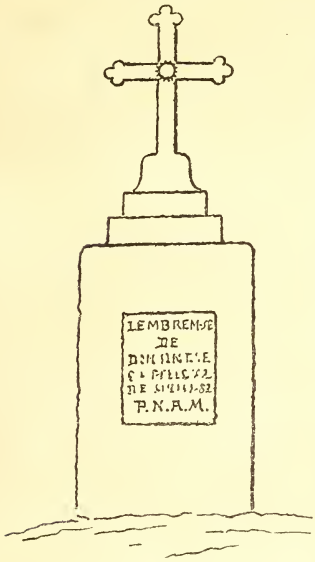

Fig. 27 — Calvario

A não serem as ruinas das termas romanas de Milreu, que jazem a pouca distancia da estrada, e das quais agora não tenho de falar, apenas encontrei digno de menção, no nosso passeio, diversos *calvarios*, isto é, cruzeiros de pedra ou de madeira, que designam lugares onde alguem morreu. Tais *calvarios* correspondem ás «alminhas» de outras localidades: cf. *Religiões da Lusitania*, III, 602. Publíco um calvario na fig. 27: no centro da cruz ha uma coroa de espinhos; no pedestal lê-se uma inscrição que diz: *Lembrem-se de Domingos d'Andrade, falleceu a 2 de Julho de 1882, P. N. A. M.* Altura total do monumento $2^{m},10$ a $2^{m},20$.

Antes de se chegar a Alportel, passa-se pela vila de S. Bras d'Alportel, capital do concelho do mesmo nome.

Aí perto, na encosta de um cerro que fica entre o sitio do Outeiro e o do Perneu, junto a um regato, haviam aparecido em Abril de 1915, por ocasião de trabalhos campestres, duas sepulturas antigas, proximas uma da outra, e paralelas entre si: uma d'elas violaram-na os trabalhadores, que encontraram dentro um esqueleto, e

uma bilhinha, que vai desenhado na fig. 28; a outra creio que se conserva intacta. Deu-me estas informações o meu aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, Estanco Louro, que me ofereceu a bilha e uns restos de cranio para o Museu. A bilha, de 0m,177 de altura, é muito tosca, feita á mão, de barro amarelado, que foi pintado de vermelho; tinha uma asa, que se quebrou; o bocal é levemente trilobado, e está hoje separado do cabo por uma fractura.—A julgar do vaso, esta sepultura, se não pertence á epoca romana, pertence á visigotica.

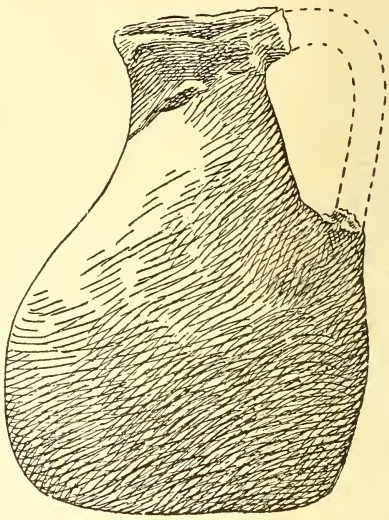

Fig. 28—Vaso de barro de Aljustrel

Vi em Alportel nas mãos de um camponês uma moedinha arabica quadrada, de prata, achada nos arredores, e disseram-me que se conheciam outras da mesma proveniencia. Para o Museu Etnologico obtive por intermedio do D.or Barbosa: dois *cocharrinhos* de cortiça, para se beber agoa,—um d'eles com cabo natural; e uma cantarinha de barro vidrado, propria para se beber agoa por ela, e para se aí guardar agoa-mel.

*

Obtive em Faro varios objectos para o Museu Etnologico, e entre eles: uma figurinha de barro, que representa um gaiteiro, oferecida por intermedio do S.or P.e João Bernardo Mascarenhas, Prior de S. Pedro; um pataco em que se gravaram as letras J L F (iniciais de um Farense, já falecido: José Leandro Figueiredo), oferecido pelo S.or Antonio Martins Paula, Farmaceutico; um exemplar do *Codigo das Posturas Municipais de Faro* (1914), oferecido pelo S.or D.or Justino Bivar; e por compra obtive num ourives algumas centenas de moedas de bolhão da 1.a dinastia de Portugal, as quais formam propriamente um tesouro.

13 a 15 de Agosto.—Em Albufeira visitei a colecção numismatica do S.or José Crisostomo Pereira de Paiva, onde abundam moedas de ouro portuguesas do sec. XVIII; este S.or brindou-me com uma moeda arabiga quadrada de prata e algumas moe-

das portuguesas de cobre, uma senha da Cooperativa Silvense (fundada em 1886, hoje extinta), e uma tessera germanico-brasileira, moderna, que é curiosa por estar figurado nela um pentalfa.

Além d'isto, obtive na vila, por compra, algumas dezenas de moedas portuguesas, e várias de prata e de bolhão, e bem assim umas tantas de cobre, arabicas e portuguesas. Tambem, para a secção etnografica do Museu, comprei um candieiro de lata moderno. Para a biblioteca do mesmo ofereceu-me o S.or Secretario da Camara um exemplar do *Codigo das posturas,* publicado em 1914. Tendo eu visto na rua um capitel antigo, de merecimento, pedi-o á Ex.ma Camara, e ela, já depois da minha saida, cedeu-m'o em seu oficio n.º 147, de 23 de Agosto; mas, como me acontece com muitos objectos que adquiro para o Museu, e não posso logo transportar, este capitel ainda não chegou cá!

Albufeira ergue-se junto ao mar, que lhe fórma extensa baía, de agoas tranquilas. Separa-a d'ele um despenhadeiro, de sobre o qual os olhos se alongam com delicia, e onde podia fazer-se excelente passeio público, se outra fôra a higiene e o gôsto estetico dos Albufeirenses.

De antiguidades não possue a vila mais que os restos d'um castelo.

15 de Agosto.—Por ocasião da minha excursão, estive em Silves duas vezes, como já disse. A primeira visita foi em 15 de Agosto; da segunda falarei mais adiante. Acompanhou-me naquela o S.or Samora Barros, que cultiva com amor as belas-artes, e ao qual me apresentára Saavedra em Albufeira.

Já noutras excursões eu havia estado na cidade para a ver, e por isso agora consagrei a maior parte do meu tempo a procurar objectos para o Museu Etnologico. Alguns obtive, que adiante indicarei.

O forasteiro que fôr a Silves encontra no livrinho do S.or D.or Pedro M. Judice, intitulado *Através de Silves* (1911), uma comoda guia que lhe facilitará a visita dos monumentos mais importantes, isto é, da Sé, e do Castelo.

Com relação á *Cruz de Portugal,* que fica nos arredores da cidade, e de que tambem no mesmo livrinho se fala, vid. uma breve notícia no *Almanach de lembranças* de 1863, p. 302, e sobretudo *O Arch. Port.,* II, 521 sgs., com um desenho (artigo de Camara Manoel). Informou-me o S.or Silva Basto que na mesma cruz se lia d'antes, como ele leu, a data de mil e quinhentos e tantos, estando o 5 representado, conforme o uso do sec. XVI, por «S», e que depois alguem mal intencionado substituiu essa letra por «1». De facto, o monumento parece do sec. XVI.

Em frente da capela das almas, dentro da Sé, ha uma inscrição curiosa, porque deixaram nela em branco a indicação do dia, do mês, e das dezenas do ano do falecimento de quem a mandou gravar e aí jaz: *falleceu: aos— do mes de— de: m: ve—* (=*de mil quinhentos e—*). Vê-se que foi feita em vida do possuidor, como o S.or Judice já notou no citado livrinho, pp. 52–53 (só eu me afasto d'ele na interpretação das últimas letras, que não me parece serem *do ano de,* mas sim o que transcrevi (o *u* está por *v* = 5, isto é, 5 *centos* ou *quinhentos*). Esta inscrição, de letra gotica, disse eu que era curiosa, pois confirma a explicação que dei de uma de Castro d'Avelãs n-*O Arch. Port.,* XXII, 44, onde do mesmo modo ficou em branco o lugar das dezenas do ano em que faleceu o individuo que a mandára gravar. Outro exemplo encontrei em 1916 numa capela da Quinta do Burrinho (Monsanto da Beira): ha aí uma campa com uma inscrição nitida que diz: «*S.a do R.do Jozé Antonio de Azevedo . . faleceo em* 17—», estando adiante espaço livre para se indicar as dezenas do ano do falecimento, o que não chegou a fazer-se.

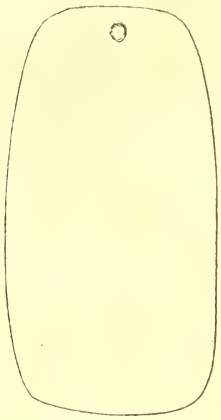

Fig. 29 — Chapão de lousa anagliptico

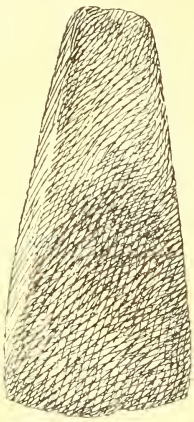

Fig. 30 — Machado de pedra, de Silves

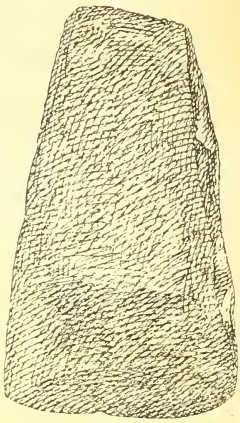

Fig. 31 — Machado de pedra, de Silves

Fig. 32 Escopro de pedra, de Silves

O S.or D.or Pedro Mascarenhas Judice, que é de Silves, e muito amigo da sua terra e da historia d'ela, obsequiou-me com alguns objectos muito valiosos, tais como: uma colecção de idolos prehistoricos, de calcareo, entre os quais alguns de tipo novo em Portugal (tratarei de todos, mais de espaço, noutro lugar); o espolio de uma sepultura da mesma idade, composto de um chapão de lousa, liso, de $0^m,151$ de altura, com orificio de suspensão, dois machados de pedra, respectivamente de $0^m,101$ e de $0^m,102$ de comprimento, e um escopro da mesma substancia, de $0^m,093$, — sepultura de fórma

Fig. 33–Vasinho de barro

Fig. 34 - Fragmento de vaso de barro com asa

de *silo* (?), achada no sitio da Cumiada, frèguesia de S. Bartolomeu de Messines, concelho de Silves: figs. 29 a 32.

O mesmo S.or D.or Judice ofereceu-me: da epoca muçulmana, um vasinho de barro quasi inteiro, pintado, fig. 33; um fragmento de outro, com asa, e igualmente pintado, fig. 34; e um fragmento de pote, dividido em zonas e ornamentado de letras, com arabescos, etc., fig. 35; da epoca portuguesa, uma candeia, de lata, que costuma

Fig. 35 — Fragmento de pote arabico

acender-se nos *alagares* do azeite, e um exemplar da *Homenagem da Academia Farense a João de Deus* (1895). Á benevolencia e ilustração de Pedro Judice devia já o Museu Etnologico a posse de uma cabrinha pre-romana de bronze, que me oferecêra em Fevereiro de 1911, e que pertence historicamente á familia das que publiquei n-*O Arch. Port.*, I, 296 sgs., e nas *Religiões da Lusitania,* II, 283–284. — A epoca dos Muçulmanos devia estar muito bem representada em Silves, pois que eles possuiram essa cidade até o tempo de D. Afon-

so III (apenas com uma interrupção), e lhe deram grande esplendor; contudo, que eu saiba, só por aí aparecem moedas e artefactos ceramicos (candeias, vasos), de ordinario quebrados. *Sic transiit gloria Silvensis!*

Mercê da eficaz interferencia do S.or Samora Barros, a quem já me referi, e do S.or Julião Quintinha, jornalista e Secretario da Câmara, ofereceu-me o S.or Manoel da Silva Clemente, negociante, uma anfora romana, de barro, aparecida no ilheu do Rosario, e que vai desenhada na fig. 36; mede de altura até ao colo 0m,66.

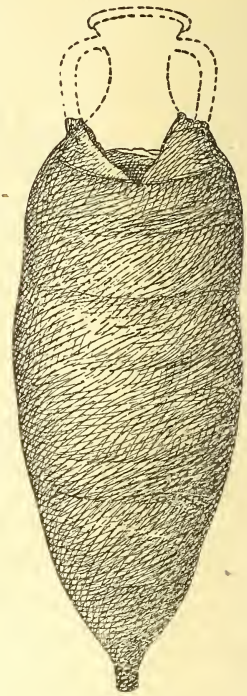

Fig. 36 — Anfora romana do ilheu do Rosario

Finalmente, para relatar todas as aquisições que fiz em Silves, obtive por dadiva de uma pessoa cujo nome esqueci (não porém por ingratidão!), um «conto de contar» de latão, que tem no anverso a esfera armilar, e a legenda: DEVISA : DE : REY DE : PVRTVGAL, e no reverso as armas do reino (com dez castelos), e a legenda: CONTV ✠ BO PTO ✠ BT EAR ✠ E COT ✠ ℞, a qual quer dizer «contu bõ p(era) sortear e cõtar».

16 de Agosto. — A aquisição da anfora romana de que falei ha pouco despertou em mim o desejo de visitar o ilheu ou *ilha* do Rosario, o que fiz em um barco que generosamente pôs á minha disposição o S.or D.or Samora Gil. O povo diz *ilha,* e não *ilheu,* como Estacio da Veiga algures lhe chama, embora a última denominação seja mais exacta, segundo veremos. A ilha fica na confluencia do *Rio-Arado*[1],

[1] Assim ouvi ao povo, e não *Arade,* como geralmente se diz e escreve; todavia na *Relação da derrota naval, façanhas e successos dos Cruzados,* escrita em latim em 1189, e traduzida e publicada por Baptista Lopes em Lisboa em 1844, lê-se a p. 17: «. . fluvii qui dicitur *Widradi*», que Lopes traduz por «Arade ou Drade», ignorando eu porém onde ele foi buscar o *Drade.* Já se vê que a fórma *Arado,* que ouvi ao povo, resultou do processo chamado pelos filologos «etimologia popular». Como na mesma relação se lê tambem *Vydeloc* por *Odelouca,* onde *Vyd-* representa a palavra arabica que deu *Ode-*, é provavel que em *Widradi* o elemento *Wid-* tenha o mesmo valor que *Vid-*, e *Widradi* signifique pois «rio Rade», isto é, **Odrade* (= **Oderade*), fórma paralela a *Odelouca,* e a *Odiana,* que se lê na mesma *Relação,* p. 45. — Acêrca da obra publicada por Baptista Lopes, e textos congeneres, veja-se o que diz Herculano, *Hist. de Portugal,* t. II, (5.a ed.), p. 464 sgs.

ou de *Silves,* com o Rio *Odelôca,* ou Odelouca, posta entre ambos, que, juntando-se, formam depois o *rio de Portimão,* que desagôa no Oceano ao pé da vila (aliás *cidade*[1]) de Portimão.

Embarquei em Silves á 1 hora da tarde, na enchente. Foi tambem pelo rio de Silves, que, em sentido inverso do meu, seguiram os Cruzados no tempo de D. Sancho I, quando ião conquistar a famosa *Chelbe*[2]. Esta equiparação que, quando eu ia pelo rio abaixo, estabeleci entre mim e os Cruzados, animou-me um pouco a resistir ao sol algarvio, meio africano, que como que punha a agoa em ebulição, e queimava tudo o mais. Pois os Cruzados agoentaram-se, numa empresa guerreira tão dificil, e eu não havia de levar a cabo a minha modesta digressão arqueologica?

As tramagueiras debruçam-se no rio, que lava, quasi imovel, a base dos breves outeiros que o ladeiam, onde ha figueiras, amendoeiras, alfarrobeiras. Passa-se por um sitio chamado *Cerro* da *Gropelha,* isto é, da *golpelha,* ou «raposa», do latim vulpecula, deminutivo de vulpes. No sitio da *Velha das Castanhas* divisam-se extensas furnas, acaso prehistoricas. Por fim cheguei á *ilha.*

É pequenissima, de uns 100 metros, de comprimento, e de menos de metade, de largura. Despida de vegetação alta, só nela crescem *daroêras* («daroeiras»), carrasqueiras, junco e poucas plantas mais.

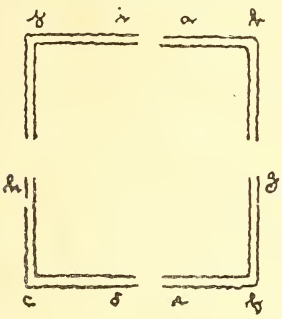

Fig. 37 — Planta de um edificio da ilha do Rosario

Conta o povo que aparecêra em tempos na ilha uma imagem da Senhora do Rosario: levaram-na para Estômbar, porém ela fugia para a ilha; depois levaram-na para Ferragude, e lá parou, em uma capela que lhe construiram. Temos aqui uma lenda semelhante a muitas que existem por esse mundo fóra: cf. *O Arch. Port.,* XXII, 146–147. Na ilha não vive ninguem; só lá mora de dia um individuo que vende bebidas a quem passa embarcado por perto. Interroguei-o acêrca de antiguidades, e d'ele vim a saber que com a anfora que o S.or Clemente me dera em Silves tinha aparecido outra que se quebrou; tambem apareceram na mesma ocasião varios pedaços de outro vasilhame grosseiro, os quais lá vi.

---

[1] Portimão, como talvez nem todos saibam, foi feita cidade em 1773: vid. P. de Azevedo, *As cartas de criação de cidade,* Lisboa 1917, p. 33.

[2] Vid. as admiraveis páginas que Herculano consagra á descrição da cidade, e a narratva da 1.ª conquista (de D. Sancho I) na *Hist. de Portugal,* t. II (5.ª ed.), p. 36 sgs.

Percorrendo a ilhota em varios sentidos, encontrei algumas ruinas de edificações antigas. Na fig. 37 represento a planta de uma d'elas. Dimensões:

ab = $0^m,70$; *gf* = $0^m,70$; *ia* = $1^m,25$; *de* = $1^m,25$.
Altura das paredes acima do chão = $1^m,15$ e $1^m,60$.
Largura = $0^m,97$.

E assim as restantes partes e aberturas simetricas. As paredes são de alvenaria, forradas de rude argamassa (cal, areia, pedacitos de tejolos). Deve ser a esta edificação que se refere Estacio da Veiga, *Antiguidades do Algarve,* II, 352: capela da Senhora do Rosario.

A poucos metros de distancia vi um tanque aberto no solo, e forrado de argamassa como as paredes de que falei acima; só havia nele cascas de ostras, em vez de pedaços de tejolos. Altura no estado actual: $0^m,85$.—Ha ainda outros restos de alicerces.

Provavelmente a ilhota serviu de lugar de recreio, na epoca lusitano-romano, a algum ricaço que habitava uma *villa* vizinha, nas margens de algum dos rios de que falei. Já na idade neolítica ela havia sido povoada, como o testemunham os instrumentos de pedra de que trata Estacio, *ibidem,* pp. 353–354. Entre a epoca romana, e a portuguesa, atestada pela capela, está a epoca arabica, da qual o mesmo arqueologo ali encontrou vestigios ceramicos. Vê-se que na ilha se sucederam várias civilizações.

16 a 19 de Agosto.—Estive em Portimão e na Praia da Rocha. Em Portimão obtive do S.or Giacomino Ferrari umas miudezas metalicas antigas, de epoca portuguesa (um crucifixo, um pesinho, e uma ferragem artistica), por intermedio do S.or Gualdino Pires, farmaceutico, a quem o museu já devia importantes serviços, prestados noutros tempos.

Na Rocha tornei a encontrar-me com o S.or Pedro Judice, e com ele voltei a Silves para examinar uma escultura de pedra que ele lá tinha, e não pudera mostrar-me da primeira vez. A escultura, que aparecêra enterrada em Silves, é de marmore, e representa um busto feminino, de $0^m,52$ a $0^m,53$ de altura, o qual tem asas triplumadas e madeixas, estando porém a cara e cabeça um tanto esmurradas. Talvez eu não ande longe da verdade atribuindo-a á epoca lusitano-romana, e considerando-a Esfinge, analoga á que publiquei nas *Religiões,* III. Será publicada n-*O Arch.,* noutra ocasião. O S.or Judice fez o favor de depositar este objecto no Museu, como consta do oficio n.º 3:185, que lhe enviei em 6 de Maio de 1918.

20 de Agosto a 4 de Setembro.—Repousei algum tempo nas Caldas de Monchique, onde o forasteiro encontra saudaveis agoas, boas comodidades, sossêgo, e sombra de arvores. As Caldas, apesar do aprazivel do local, e da afabilidade com o que o D.or Bentes Castel-Branco, seu emprezario, acolhe os que ali vão buscar remedio ou descanso, tem pouca concorrencia: se isto é desvantajoso para a empresa, foi vantajoso para mim, que pude, sem pasmação de ociosos, fazer á minha vontade investigações de *Folk-lore,* com as quais enriqueci o nosso Cancioneiro e Romanceiro.

Fig. 38 — Brunidor prehistórico

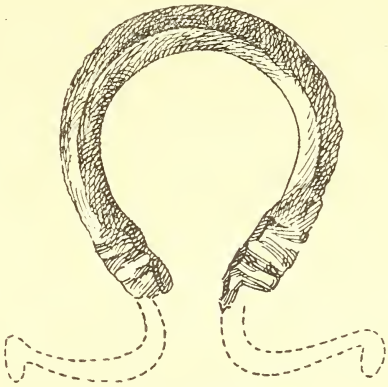

Fig. 39 — Fivela lusitanica

Nos arredores das Caldas obtive para o Museu alguns objectos etnograficos e arqueologicos: um machado de pedra polida, de 0m,145 de comprimento, mas com a parte oposta ao gume quebrada; outro, de 0m,09, um tanto falho no gume; um belo brunidor, feito de um seixo rolado, e com duas depressões ou *pégas* nas faces maiores, uma em cada uma, para, durante o trabalho, estar seguro pelo dedo polegar e medio, em quanto o indicador se encostava a uma das faces laterais: fig. 38. Todos estes tres objectos datam dos tempos prehistoricos, e apareceram avulsamente nos campos do Covão de Samouco, sitio pertencente á frèguesia de Monchique. Aparecido no mesmo local, obtive tambem o aro de uma fivela lusitanica de bronze, que vai desenhada de tamanho natural, na fig. 39[1].

---

[1] O Covão de Samouco fica a pouca distancia da «mata» que sobrepuja as Caldas. Nele ha um *monte* ou «casa de habitação», cercado de horta. Em cima, nos altos, vêem-se os contrafortes da Picota, e em baixo alongam-se muitos vales, chamados: Esgravatadoiro, Carrasqueira, Pedra do Alguidar, Eira Cavada. Na Pedra do Alguidar ha, diz o povo, «uma cova redonda, como um alguidar, feita pelos Moiros» (lenda etiologica).

Das Caldas fui á vila, cujas belezas naturais me atraíam, cercada, como está, de castanhais e pomares, e posta num alto, que permite contemplar a distancia vales verdejantes, e cumiadas de serras alterosas. Alem de panoramas admira o forasteiro na vila as duas portas manuelinas da igreja matriz. Em Monchique relacionei-me com muitas pessoas, que me deram objectos para o Museu. O S.or Brás Baiona obsequiou-me com um machado de pedra prehistorico, encontrado na Foia; o S.or José Sebastião, com outro, encontrado na Picota; os S.ors Antonio dos Reis Calapés e Francisco dos Reis Calapés, por intermedio do D.or Bernardino Moreira da Silva, com outro, encontrado no Cerro do Touro; o S.or José Antonio Gascon, com um percutor da mesma epoca, encontrado num campo de Monchique, e provído de duas pégas dispostas analogamente ás do brunidor de que falei acima; o S.or Prior David Neto, com quatro moedas romanas de cobre do sec. IV; o S.or Oliveira Chaparro Junior, com um pergaminho medieval; os S.ors Isidro Bàtista, Antonio Leal, e Alexandre José Baiona, com moedas portuguesas antigas, de prata e de cobre, o S.or Manoel Jacinto Coxo, tambem com moedas antigas, que outr'ora, segundo antigo costume, estiveram pregadas em um balcão de venda; o S.or José Antonio Guerreiro Gascon, com um cachimbo de pau artistico, feito por um pastor algarvio (escultura que representa, como creio, o Presidente Kruger). Por compra adquiri um par de tinteiros de faiança antigos, uma regoa de marfim igualmente antiga, um livro dos *solistas;* um *sovelão* de ferro, de matar animais (ovelhas, etc.). Na Secretaria da Camara ofereceu-me o S.or Secretario um exemplar do *Codigo das posturas municipais,* de 1842, muito raro, e outro do *Codigo* de 1914.

Não se tendo por ora recolhido muitos artefactos neoliticos da região monchiqueira[1], creio que algum valor possuem os que acima menciono, pois que assim se juntam mais uns elementos, ainda que modestos, para o conhecimento da epoca prehistorica da mesma região: e para eles chamo a atenção do S.or José Antonio Guerreiro Gascon, que, conforme me disse, pensa em escrever uma monografia historica de Monchique.

Com o S.or D.or José Joaquim Ferreira, Professor do Liceu de Faro, que veraneava em Monchique, e que eu tivera o prazer de conhecer naquela cidade, por ocasião dos exames, e com o S.or Honorato Baiona, dei um passeio ao ribeiro dos Pisões, para ver,

---

[1] Vid. Estacio da Veiga, *Antiguid. mon. do Algarve*, II, 327–328.

como vi, um dos engenhos que serviram de denominação ao sitio. No caminho tive ensejo de observar alguns costumes populares, e de falar com um individuo muito versado em profecias, tipo de sebastianista, o ultimo ou dos ultimos que ainda existem. Numa casa obtive, por me parecer instrumento prehistorico, um disco de pedra, que vi servindo de encosto de porta[1].

5 de Setembro.—Tendo voltado á Praia da Rocha em 4 de Setembro, fiz no dia 5 uma bela excursão arqueologica pelos arredores de Portimão, na companhia dos S.ors Luis Antonio Maravilhas, D.or Pedro Judice, e Silva Bastos. A excursão fôra promovida pelo primeiro d'estes senhores, que desejava que eu visse algumas antiguidades romanas por ele descobertas em duas quintas suas, chamadas *Val da Arrancada,* e *Abicada.*

1) Val da Arrancada:

O *Val da Arrancada* fica a uns 2 kilometros de Portimão, á direita da estrada que vai para Lagos. Mostrou-me aí o S.or Maravilhas uma especie de lagar escavado na rocha natural (calcareo), e composto de uma cavidade maior, B, de uma menor, ou pia, C, inferior àquela e ligada a ela por um canal, e precedido de um tanque, A. Vai esboçado na fig. 40. Tanto podia servir para pisar uvas, como para pisar azeitonas. O tanque A, rectangular, de $2^m,13$, no lado maior, e de uns $0^m,80$ de profundidade, seria para depósito dos frutos que iam pisar-se. A cavidade B, ou lagar propriamente dito, mede $2^m,65$ no lado *cd,* e $2^m,44$ do lado *ce.* A pia C, em que caía o liquido resultante da pisa, mede 1 metro no lado *ef,* $0^m,74$ no lado *fg,* e $0^m,87$ de profundidade.—Ha um segundo lagar (melhor diriamos *lagareta*), porém construiram-lhe modernamente um fôrno em cima, e não póde pois examinar-se.

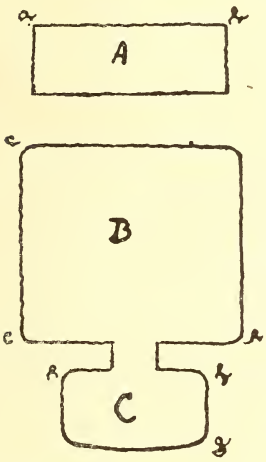

Fig. 40 — Lagar romano

[1] Os habitantes de Monchique chamam-se *Monchiqueiros.* Como o clima e paisagem d'esta região fazem que ela difira muito do resto do Algarve, e como logo para o Norte se segue o Alentejo, dizem os Monchiqueiros que eles nem são Alentejanos nem Algarvios; e colhi a este proposito algumas canções populares.—Sucedem factos analogos em Barrancos, mas por outra razão.

Noutro sitio da mesma quinta vi uma sepultura feita de tejolos, ou *lateres*, postos em fiadas, uns sobre os outros, fig. 41: a largura d'ela é de $0^m,40$; o comprimento actual é de $1^m,91$, mas falta o tôpo. Os tejolos tem dois tipos: rectangular ($0^m,265 \times 0^m,11$); e quadrado imperfeito ($0^m,27 \times 0,20$). O chão da sepultura era o chão natural. Nada pude saber ao certo nem da tampa nem do conteudo. Orientação NE.–SE.— Não consta que aparecessem mais sepulturas.

Fig. 41
Sepultura romana

Não terminam aqui as antigualhas da Arrancada. Alem de pedaços de tegulas, de fragmentos de vasos, que se encontram a cada

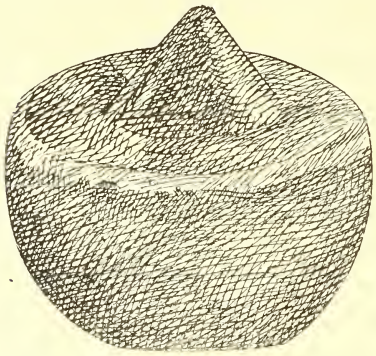

Fig. 42 — Gonzo (?)

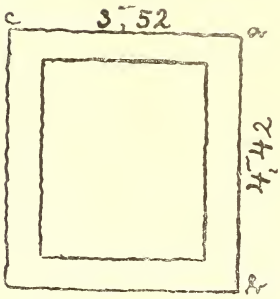

Fig. 44 — Fórma de um mosaico

Fig. 45
Promenor de um mosaico romano

Fig. 43 — Estribo de ferro

passo, ha alicerces de casas com pavimentos de formigão; um dos pavimentos está coberto de mosaico policromico (preto, branco, vermelho, com desenhos analogos ao primeiro da estampa que representa os de Quintos, publicada no vol. VIII d-*O Archeologo*, diante da p. 162), *opus vermiculatum*. Tambem apareceu um como forno de cal, uma soleira de porta (enterrada), e os dois objectos que vão desenhados nas figs. 42 e 43, que o Sor Maravilhas me ofereceu. O objecto representado na fig. 42 mede no circuito $0^m,135$, e de altura $0^m,105$, é de basalto, está muito poido, e parece um gonzo; o objecto

representado na fig. 43 mede uns $0^{m},39$ de altura, é de ferro e tem todo o aspecto de estribo[1].

2) Abicada:

A quinta *da Abicada* dista de Portimão $7^{kil.},5$, e jaz fronteira á Mexilhoeira Grande. Nesta quinta encontrou o Sor Maravilhas um belo mosaico que forra o chão de um compartimento rectangular, fig. 44, de cujo restam vestigios em toda a volta. O mosaico é policromico, como o da Arrancada (côres vermelha, branca e preta), e com desenhos como o d'aqui; tem porém uma cercadura que abrange desenhos de varios tipos. Eis na fig. 45 um dos desenhos que se repetem. Outro desenho consiste em uma estrela de seis raios inscrita em um quadrado. O Sor Maravilhas teve a ótima ideia de formar em volta um recinto fechado que o resguarda completamente. Este exemplo póde servir de lição ás Camaras de Braga e de Vila-Real de Trás-os-Montes, que, por não praticarem actos semelhantes, deixam perder dois curiosos santuarios da epoca lusitano-romana, um na capital do Minho, o outro em Panoias de Val-de-Nogueiras.

Junto do referido compartimento ha um maior, tambem com mosaicos, de desenhos diferentes, destruido em parte; e quasi contiguo vê-se um terceiro fragmento de mosaico. Respectivamente á distancia de 20 e 100 metros ha mais alicerces de casas, mas talvez sem mosaicos.

Fig. 46 — Sinal de uma tegula

Pelo terreno da quinta aparecem pedaços de vidro e de tegulas, e *clavi* de ferro. Um fragmento de tegula tinha um sinal, de $0^{m},135$ de altura, que represento na fig. 46: fôra feito com ponteiro, quando o barro estava fresco, e representa uma especie de «A» sem córte horizontal.

Podemos considerar *villae* ou «vilas» lusitano-romanas as duas estações de que acabo de falar: a primeira, como um pouco vizinha do *Portus Hannibalis* (Portimão); a segunda de *Laccobriga* (Lagos).

Bem haja o Sor Maravilhas, que sabe dar aprêço a estes monumentos deixados pelos antigos «senhores» ou *domini* das quintas que hoje lhe pertencem!

---

[1] Se este estribo é realmente romano (*stapia*), e não de epoca posterior, temos nele um precioso documento arqueologico e cronologico. Vid. sobre isto Rich, *Dict. des antig. rom. et gr.*, s. v. *scalae*, § 4.º, e s. v. *stapia*. A par de *stapia*, alguns dicionarios trazem outras fórmas; mas a unica adoptada por Georges, no seu, é esta.

6 de Setembro.—Neste dia parti da Rocha para o Algoz, para ver tambem uma estação romana. Fiz caminho por Portimão, onde com bastante custo adquiri num ourives uma moeda arabica de prata; e aproveitei o ensejo para visitar no seu castelo de Arade, ou de S. João, o conhecido Poeta, e meu consocio na Academia das Sciencias de Lisboa, D.or Coelho de Carvalho, que nele estava veraneando.

O castelo fica perto da vila, ainda que do outro lado do rio. Quem quer ir por terra, como eu fui, atravessa este na ponte, passa por Ferragudo, e logo, após uns momentos de estrada tortuosa e ruim, e de areia que escalda, o encontra diante de si, meio cercado de figueirais, e erguido numa rocha que o rio banha. Que esplendor de panorama! Em frente, Portimão, com seu porto movimentado de barcos e navios; ao lado Ferragudo, cuja igreja paroquial branquejava no alto de uma colina; lá ao longe as verduras da Serra de Monchique.

Quando cheguei ao pé do castelo, não ouvi a buzina que soía tocar na idade-media em casos semelhantes; contudo substituiu-a perfeitamente um ganso, que patinhava num rêgo ao pé da porta, e que muito grazinou ao pressentir-me.

O Poeta, sempre magestoso pela brancura do seu cabelo e barba, e agora todo vestido da mesma côr, de alto a baixo, como um druida, recebeu-me no escritorio, que ao mesmo tempo lhe serve de sala de visitas. Era uma estancia fresca e ampla, guarnecida de contadores de pau santo, e de cadeiras de espaldar antigas; das paredes pendiam paineis com retratos de familia—*imagines maiorum*—e tapetes de Arraiolos, como enfeite. A um dos lados havia um bufete muito grande, coberto de cadernos manuscritos e de tiras de papel, ou lingoados: era o poema do *Fausto,* que Coelho de Carvalho andava elaborando, e de que teve a bondade de me ler algumas scenas, onde a filosofia dava as mãos á poesia. Coelho de Carvalho, naquela ocasião, via-se um pouco embaraçado, me disse, para pintar a seu gôsto a figura do Diabo, um dos personagens do poema. Como ás vezes os poetas se prendem com pouco! Pois o ourives de Portimão, que me vendeu a moeda de que acima falei, dava um modêlo de Diabo perfeito, senão nas feições, ao menos nas artimanhas.

7 de Setembro de 1917.—Por indicações que o S.or Salvador de Sousa Fava, comerciante e proprietario no Algoz, me dera nas Caldas de Monchique, onde me encontrei com ele, vim a coordenar as seguintes noticias arqueologicas.

A 1 kilometro do Algoz, no sitio ou *morgado* das Taipas, apareceram por 1915 ou 1916 muitas sepulturas feitas de tegulas, que

lhes formavam o chão, os lados, os topos e a tampa. Á cabeceira de cada uma havia um tejolo semi-circular, ou uma pedra, aonde se encostava uma càveira. Todas as sepulturas continham ossadas e vasos de barro, estes geralmente tambem á cabeceira (um vasinho e um prato); algumas sepulturas continham instrumentos de ferro; numa apareceu uma moeda de cobre, do módulo das que os numismaticos chamam «bronzes maximos». Dentro de alguns vasos havia cascas de ovos.

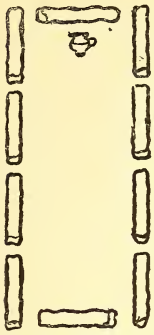

Fig. 47 — Tipo das sepulturas do Algoz

As sepulturas estavam alinhadas do E. ao O., á profundidade de mais de $0^{m},5$ do solo actual, e com a cabeceira voltada para o Oeste.

Eis na figura 47 o tipo das sepulturas, tais como m'as descreveram. Havia uma sepultura que não tinha tegulas: estava aberta no chão natural, e coberta de uma lage.

No dia 7 de Setembro fui ao local do cemiterio. Este fica á direita da estrada de Faro. Na fig. 48 dou um esquema do terreno.

A Terreno de semeadura, de Joaquim da Silva.

B Vinha onde apareceram as sepulturas.

C Vinha de José Guerreiro.

D Fazenda, chamada *da Amoreira,* com vinhas, arvores de fruta, e uma casa.

Em *B*, propriedade do Sor Fava, é que apareceram as sepulturas de que estou falando. Elas, como se mostra do esquema, não começavam junto da estrada, nem chegavam ao termo da vinha. O terreno é plano. Vi por ele pedaços de potes, gargalos de anforas, pedras, caliça revestida de argamassa (cal & areia), e um fragmento de imbrex: tudo isto deve ter vindo de *D*. Para se fazerem as sepulturas parece que se abriam primeiro covas, que depois forravam de tejolos. As sepulturas ocupam um espaço de uns 50 metros de largura.

Em *A* é natural que tambem se descubram sepulturas, visto que o terreno confina com *B*, porém nunca aí se escavou fundo. Em *C* encontraram-se efectivamente algumas ha muito tempo.

Em *D* descobriu-se um pôço d'agoa, *puteus,* forrado de pedras, umas no estado bruto, outras aperfeiçoadas (*opus incertum*). Acrescentaram-lhe recentemente um bocal, e tem ainda hoje serventia. O diametro d'este pôço é um pouco menor do que o dos actuais.— Noutro sitio da mesma fazenda apareceu um «sôlo» de argamassa ou *opus Signinum,* posta sôbre pedra, e além d'isso alicerces de casas, tejolões, um pote partido, muita caqueirada, e moedas de cobre. O povo diz que existiu na Amoreira uma «cidade»; e em parte não

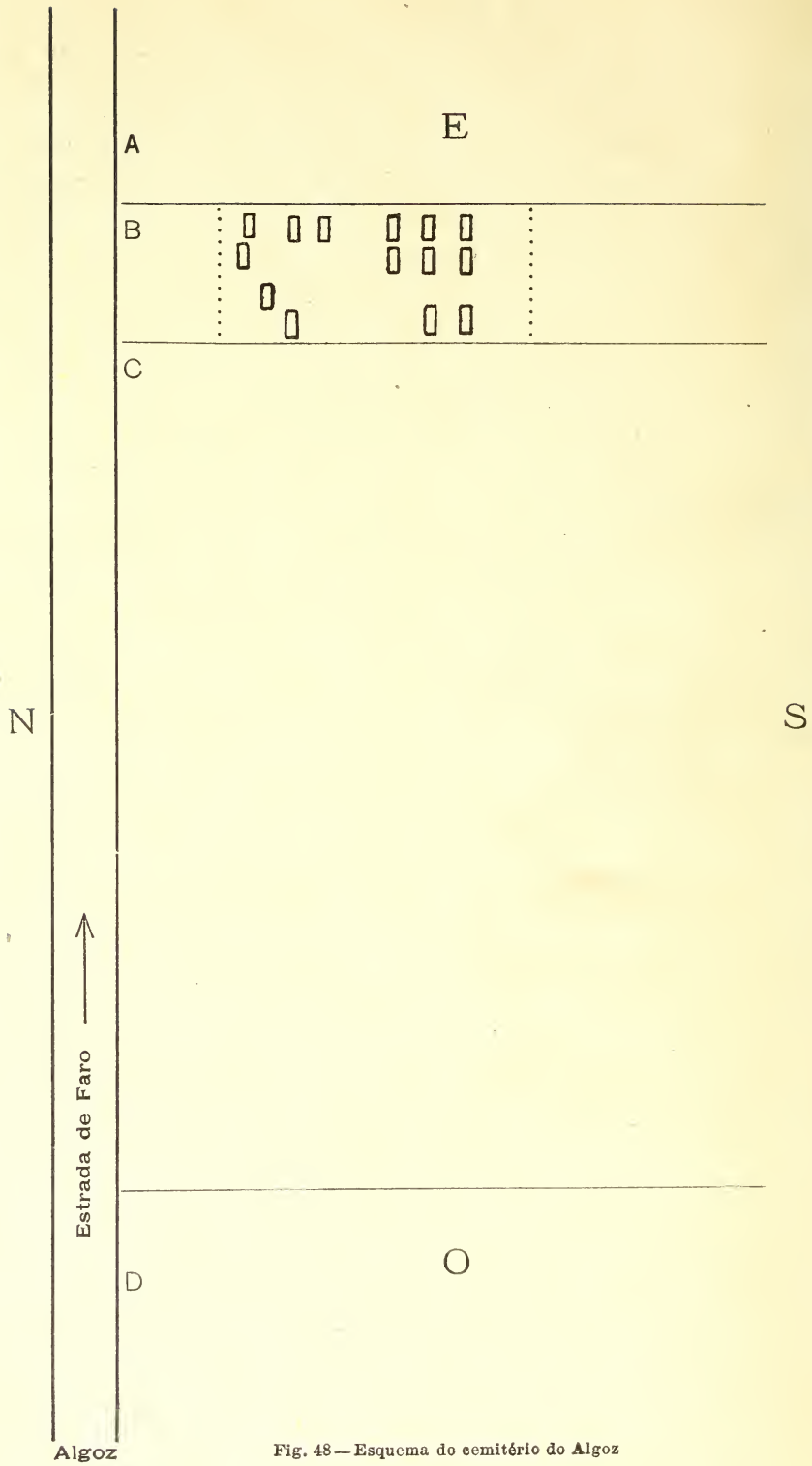

Fig. 48 — Esquema do cemitério do Algoz

se engana, por que esteve aqui certamente a povoação (*vicus*) a que pertencia o cemiterio B–C. Foi por isso que eu disse que certas miudezas encontradas em *B* seriam de *D*.

Fig. 49 — *Poculum*

Todas as sepulturas que appareceram foram destruidas, bem como, com poucas excepções, as ossadas e os espolios. Ainda vi num quintal do S.or Fava algumas tegulas quasi inteiras, e pude adquirir uma mandibula, um fragmento de *umerus,* um sestercio de bronze, e os objectos representados nas figuras seguintes (os tres primeiros de barro avermelhado, todos os outros de ferro):

49, pucaro de asa, especie de *poculum* (altura 0^m,075);

50, bilhinha, com uma asa, especie de *lagoena* (altura 0^m,128),— esborcinada no local;

51, pratinho, um tanto concavo, talvez *patella* (diametro na abertura 0^m,152), falho em parte;

52, tenaz ou *forceps* de uns 0^m,44 de comprimento;

53, tesoura ou *forfex* (os dois ramos estão separado um do outro por fractura)[1];

54, cunha ou *cuneus,* de 0^m,12 de comprimento;

55, martelo de dois dentes, especie de *malleus,* de 0^m,17 de comprimento, com o ôlho falhado;

56, outra especie de *malleus,* de 0^m,147 de comprimento;

57, instrumento que de um lado é sacho, e do outro serve de gume de machadinha, de uns 0,815 de comprimento;

58, ferro (*cuspis*) de lança (*hasta*), de alvado, e de fórma de folha, com nervura longitudinal média: altura 0^m,315;

59, outro ferro de *hasta,* semelhante, de 0^m,245 de altura;

60, instrumento incompleto, de espigão muito extenso: formão (*scalprum*)? Mede de comprimento 0^m,16.

---

[1] O tipo da *forfex,* ou tesoura, representado nesta figura não só provém da 2.ª idade do ferro, ou de La Tène (vid. Déchelette, *Manuel d'Archéologie,* II–3, 919, 1281, etc.), mas continuou na epoca dos Barbaros e nos tempos modernos: cf. Rütimeyer, «Gerätschäften u. Gebrauch im Kanton Wallis» in *Archives Suisses des trad. pop.,* XX, 357–358. No Museu Etnologico existe um objecto semelhante, que obtive no concelho de Obidos, e que servia para tosquiar gado.

61, instrumento tambem incompleto, com cabo natural; este é constituido pela parte inferior do instrumento, que se empunhava, e por um ramo que fórma angulo com ele, e amparava a mão fechada.

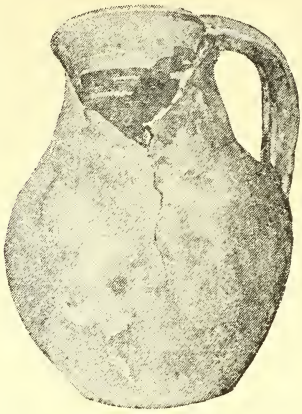

Fig. 50 — *Lagoena*

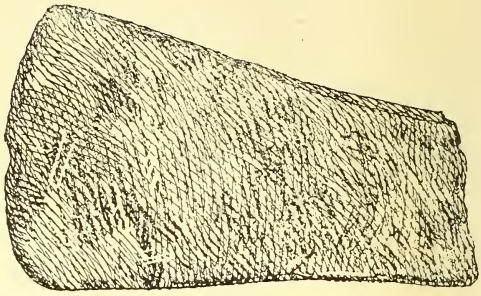

Fig. 54 — *Cuneus*

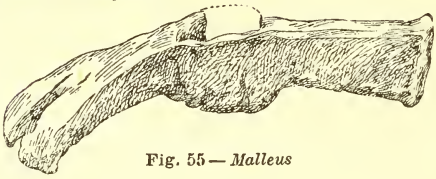

Fig. 55 — *Malleus*

Fig. 52 — *Forceps*

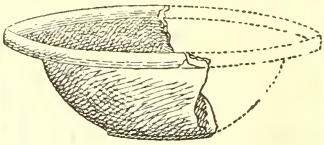

Fig. 51 — *Patella*

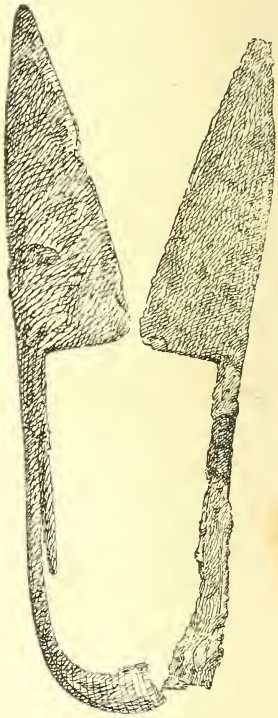

Fig. 53 — *Forfex*

Os referidos objectos, com excepção do primeiro, que comprei, ofereceu-m'os o S.or Fava. Vê-se que o cemiterio, já por conter ossadas que permitiriam boas observações antropologicas, já pelo

espolio etnografico, era muito importante. Pena foi que quasi tudo se perdesse, e assim se inutilizasse um capítulo da nossa historia antiga!

*

Além dos mencionados objectos obtive, de varias proveniencias, mais os seguintes, no Algoz: moedas romanas de cobre e portuguesas

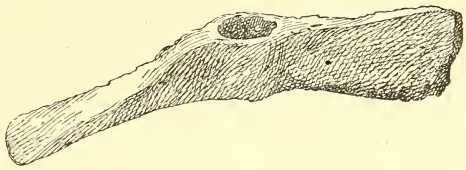

Fig. 57 — *Sacho-machadinha*

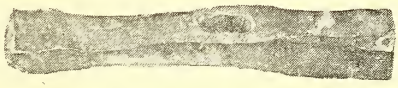

Fig. 56 — *Malleus*

Fig. 58 — *Cuspis*

Fig. 59 — *Cuspis*

Fig. 60 — *Scalprum* (?)

Fig. 61 — *Instrumento indeterminado*

(de prata e cobre), oferecidas pelo S.or Anibal Marreiros Mascarenhas; uma moeda de prata, de D. Miguel, oferecida pelo S.or José dos Santos; um gancho de meia, antigo, cordiforme, oferecido pela S.ra D. Maria do Carmo Agoas; e obtive por compra algumas moedas arabicas de prata.

*

No mesmo dia, á tarde, parti para a Vidigueira, aonde cheguei na madrugada do dia seguinte.

8 a 10 de Setembro.—Estes dias passei-os na Vidigueira, onde habita o S.or João Villanova de Vasconcellos, que possue

Fig. 62—Anta da Mangancha

uma valiosa colecção de antiguidades que eu fui ver. O S.or Villanova fez o obsequio de me reter em sua companhia, e em sua casa, tres dias, e de me mostrar várias estações arqueologicas nos arredores, ou perto, da sua terra, taes como uma anta no sitio da Mangancha, e duas na herdade das Antas de Cima. Quando fomos a esta ultima herdade, apareceu mais uma estação, porém romana, e modestissima, no sitio da Agoa de Lebres de Cima, termo de Vila de Frades: aí encontrámos um pêso de barro ou *pondus,* e numerosos pedaços de tegulas, e de potes ou *dolia.* As antas da herdade das Antas de Cima tenciona o S.or Villanova explorá-las, e para isso teve já a bondade de me convidar.

Dá-se o nome de *Mangancha* a um conjunto de vinhas que ficam a pouca distancia da Vidigueira. A anta é de granito, e já não está completa: falta-lhe a tampa e muitos esteios: figs. 62 (vista da anta)[1], e 63 (planta esquematica)[2]. Em volta d'ela, isto é, no terreno mais extenso que a circunda, tem o S.or Villanova e os seus criados descoberto um manancial arqueologico á superficie do chão e nas paredes: mós chatas, mós curvas, amoladeiras, percutores de várias fórmas, machados de pedra polida, raspadores tambem de pedra, setas e facas de silex, furadores de osso, pendentes de lousa, com colo de suspensão, laminas de cobre, pedaços de barro sulcados[3], e outros objectos da mesma substancia, taes como: restos de potes e vasilhas pequenas, crescentes com orificios[4], idolos, cossoiros biconicos, e de outros tipos, discos toscos, de superficie rude, cabos de colhér. Na ocasião da nossa visita eu proprio encontrei objectos semelhantes a alguns dos mencionados.—O terreno da Mangancha foi pois muito povoado na epoca pre-romana, e continuou a sê-lo na romana, pois lá encontrou o S.or Villanova pesos de barro, restos de tegulas, dois pedaços de

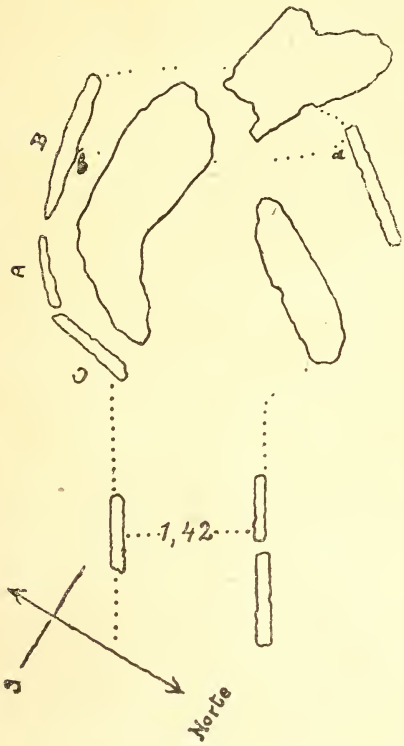

Fig. 63 — Planta da anta da Mangancha

[1] Segundo uma fotografia do S.or Villanova.

[2] Distancia *a-b*: uns 3 metros.

[3] Do tipo que publiquei na *Hist. do Museu Etnologico,* p. 357, fig. 24. Estes barros serviam, como ali digo, de revestir tectos ou paredes de cabanas. Um dos de Mangancha estava queimado do lado oposto aos sulcos, o que mostra que fazia parte do interior de uma.—A par com estes barros sulcados havia-os sem sulcos: certamente eram de um chão de cabana.

[4] É como o que publiquei na *Hist. do Museu Etnologico,* p. 357, fig. 24, e que aí considerei como secção ou parte componente de xorca. São-lhe comparaveis os crescentes feitos de conchas, publicados por H. & L. Siret em *Les premiers âges du métal,* est. IV do Atlas. No Algarve, nas mãos de um coleccionador, vi um objecto semelhante, de lousa, e portanto achado; estava quebrado nos extremos.—Noutro artigo voltarei a falar dos objectos d'este tipo.

objectos de barro com inscrições. Um d'estes pedaços, ornamentado de sulcos horizontais, com um sulco ondulado entre eles, pertencia a um bojo de pote (*dolium*), de pasta grossa, dura e esbranquiçada. (altura do caco $0^m,292$; espessura $0^m,021$), e tem umas letras feitas com estilete antes da cozedura (fig. 64[1]). O segundo pedaço é de um tejolo (*later*) e tem as letras que representa a fig. 65, isto é: *Heren(nius)*, nome talvez de quem fabricou o tejolo.

A colecção arqueologica que o S.or Villanova de Vasconcelos formou na sua casa da Vidigueira consta de cousas pre-romanas, romanas, e post-romanas.

Entre as da primeira especie figuram as que colheu na Mangancha, com excepção das que por sua generosidade eu trouxe para o Museu Etnologico (percutores, mós, machados de pedra, crescentes de barro, etc.), e figura alem disso o seguinte: um objecto ceramico, analogo ao que publiquei no meu livro intitulado *De Campolide a*

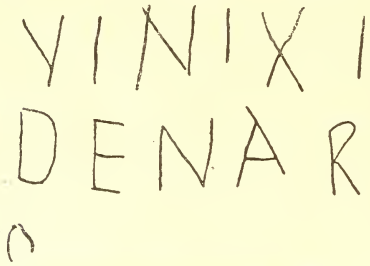

Fig. 64 — Inscrição de um *dolium*

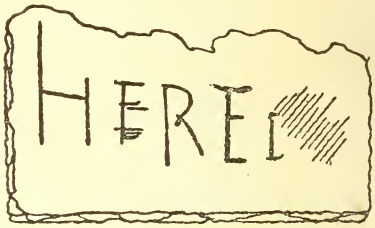

Fig. 65 — Inscrição de um *later*

Melrose, Lisboa 1915, p. 145, fig. 71 (travesseirinha, se o é; ou idolo?); uma candeia, igualmente de barro, de caracter primitivo; machados de pedra de várias localidades; uma fibula de bronze, da 1.ª idade do ferro, proveniente de Rabil (Vidigueira).

Entre as cousas da epoca romana ha não só as da Mangancha, que mencionei supra, mas outras: uma estatueta de Mercurio, ou *mercuriolus,* achada no Algarve, e que pertenceu a Estacio da Veiga (tem na mão direita a bolsa, que é um dos atributos do deus; na esquerda, que lhe falta, devia ter o caduceo; do ombro esquerdo cae-lhe um manto); uma *statera* de bronze, achada no sitio dos Pocilgos (Vidigueira), muito delicada; alguns pesos de barro, vindos de diferentes localidades; moedas.

---

[1] Leio: *vini* XI *denar(ii)*. (O que resta da 3.ª linha não sei o que é). Traducção: *11 denarios de vinho.*

Á epoca post-romana pertence uma candeia arabica de barro, de Beja, e muitas cousas portuguesas, antigas e modernas: quadros, azulejos, armas, moedas, e espécimes de etnografia artistica dos pastores alentejanos (um polvarinho de 1737, colhéres de pau e de chifre, pintadeiras, etc). O polvarinho é muito curioso, quer por causa dos seus lavores (animaes, vegetaes, rosetas, vaso de flores, etc.), quer por estar nele gravada uma quadra: infelizmente esta é muito licenciosa, não a posso transcrever aqui.

Com o museu possue o S.or Villanova uma biblioteca, formada de livros antigos, e de livros modernos. Nos ultimos predominam, como é natural, os de Arqueologia e de Agricultura, visto que seu dono, se consagra amor ás cousas arcaicas, é tambem importante lavrador, que tem de cuidar dos campos.

11 de Novembro de 1918.—Parti á noite para Lisboa, passando umas horas na Quinta da Esperança (Cuba), pertencente ao S.or D. José Manuel Braacamp Barahona, que, em companhio de seu Pai, o S.or Conde da Esperança, aí me mostrou muitas preciosidades de arte antiga, ainda em uso, tais como pratas, loiças, roupas, móveis, que dão idea perfeita do que devia ser o interior de uma casa, rica e nobre, dos tempos heroicos de Portugal. Tantas que havia outr'ora, e hoje tão raras!

APENDICE AO ARTIGO INTITULADO «PELO SUL»

I. Vista geral de Monchique:

Para justificar o que digo de Monchique, a p. 24, reproduzo na fig. 1, de um bilhete postal (ed. de «S. R.», Lisboa), uma vista geral da vila.—Sáio da arqueologia, é certo, mas note-se que este artigo tem o título de «Apêndice».

Fig. 1—Vista geral de Monchique

II. Igreja matriz de Monchique:

Na fig. 2 e 3 reproduzo respectivamente fotografias das portas manuelinas da igreja matriz de Monchique (vid. supra p. 24), as quais são pouco conhecidas dos arqueologos: porta principal (ao Poente), e lateral (ao Sul).—Devo estas fotografias ao obsequio do S.or José António Guerreiro Gascon, de quem falei no meu artigo.

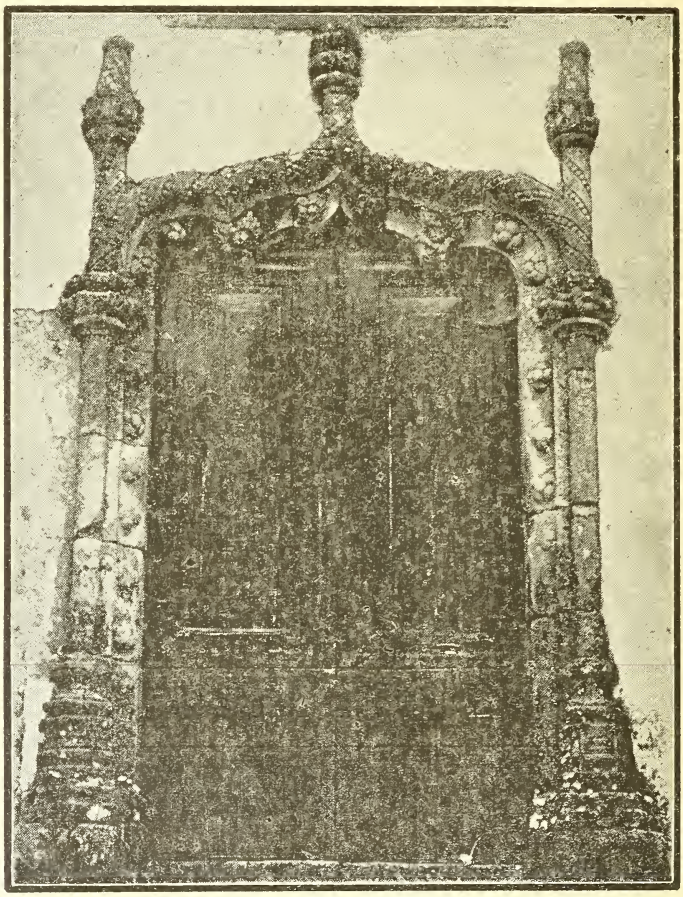

Fig. 2—Porta principal

Fig. 3 — Porta lateral

III. Biôco:

Na fig. 4 reproduzo um desenho que Saavedra Machado fez em Faro, de uma mulher *de biôco* (vid. supra, p. 14, nota), ao qual comparo na fig. 5 desenhos de mulheres marroquinas extraidos de *France-Maroc* (revista mensal), Paris-Rabat, 1917, n.º 7, p. 23. O uso algarvio tem provavelmente origem arabica.—Se o *Archeologo* fôsse revista etnografica poderia estabelecer eu aqui outros paralelos, por exemplo com a *mantilha* (Alemtejo, Beira, Norte) e o *capote de capêlo* (Madeira, ainda que esses paralelos deveriam ser acompanhados de discussão.

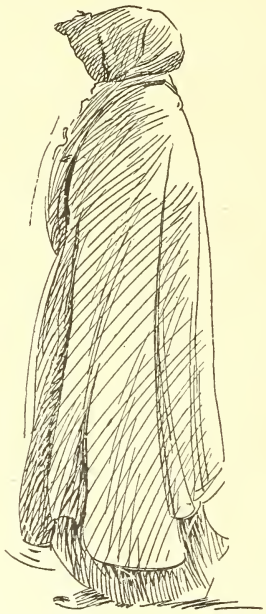

Fig. 4—Mulher algarvia, de biôco

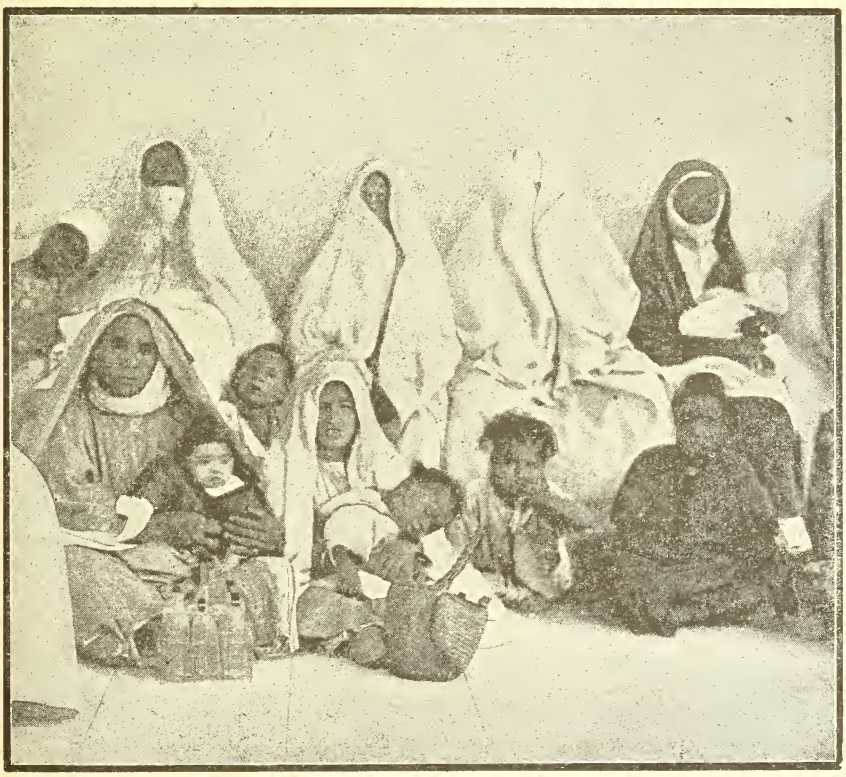

Fig. 5 — Mulheres marroquinas

IV. Açoteias:

Talvez tambem ao leitor não desagrade que eu na fig. 6 e 7 lhe compare as casas de açoteia, de Olhão (cf. supra, p. 14) com casas arabicas: a fig. 6 é extraida de um bilhete postal de Lazaro da Costa (Olhão); a fig. 7 (Medina) é extraida da citada revista *France--Maroc*, 1917, n.º 6, p. 2. A comparação impõe-se!

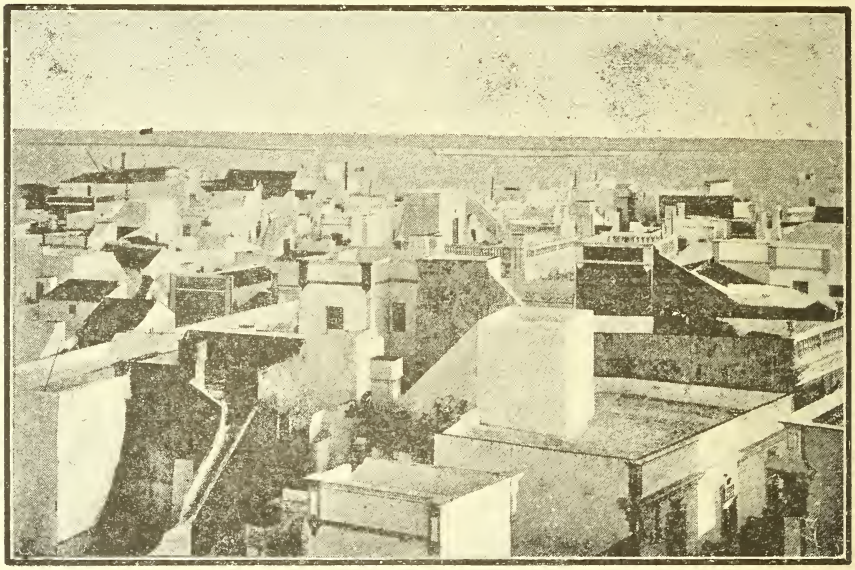

Fig. 6 - Olhão

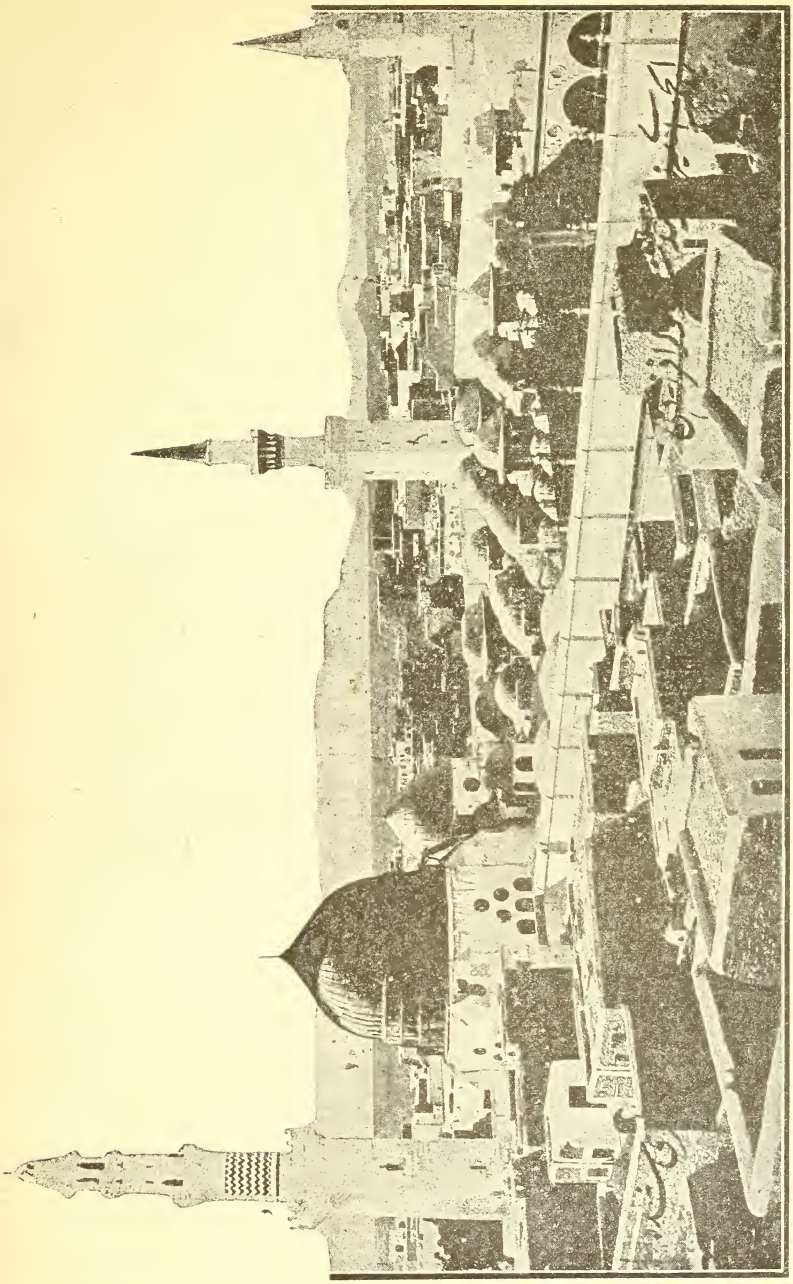

Fig. 7 — Medina

Belem, Museu Etnologico, 24 de Dezembro de 1918.

91-88365

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00018 0964